

DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA

Claudio Luiz Orço¹
Elizandra Iop²
Neli Aparecida Gai³

RESUMO

A diversidade individual em sala de aula está representada por alunos que apresentam um comportamento diferenciado daquele tido pela escola como o comportamento ideal para a aprendizagem, o que faz com que muitos alunos não sejam contemplados com a aprendizagem mediante a sua condição de diferentes. Mediante essa problematização, organizou-se este trabalho com o objetivo de analisar como a diversidade individual vem sendo discutida no âmbito teórico por intelectuais do campo da educação, psicologia e das ciências sociais. Assim, neste trabalho teve-se como metodologia a pesquisa bibliográfica em estudos de autores que investigam a diversidade individual no contexto educacional. Neste trabalho teve-se como categoria de análise a diversidade individual no processo de aprendizagem em âmbito de sala de aula. Conclui-se, por meio de análise, que esta temática é de extrema necessidade para efetivar o direito à educação dos que são tidos pela escola e pelos professores como diferentes no processo de aprender.

Palavras-chave: Diferenças individuais. Processo pedagógico. Sala de aula.

1 INTRODUÇÃO

Coloca-se como desafio neste trabalho de revisão de literatura discutir e refletir criticamente sobre a diversidade individual no contexto educacional. Para tanto, inicia-se trazendo elementos que compõem a diversidade cultural e individual no âmbito macro da sociedade. Então, introduz-se a discussão no processo pedagógico do ambiente educacional sobre as diferenças individuais nas concepções pedagógicas não críticas de educação e nas concepções pedagógicas críticas de educação. Em seguida, discute-se a diversidade individual no âmbito de sala de aula para então se apresentar a possibilidade de um processo pedagógico que reconheça e promova a diversidade na organização do processo de aprender realizado pelo professor.

2 DIVERSIDADE PELO OLHAR DE DIFERENTES CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO

O reconhecimento da diversidade presente em sala de aula, em um primeiro momento, é o da diversidade cultural que se percebe no comportamento social da criança, o qual pode ser denominado como as diferenças de gênero, classe social, etnia, nacionalidade ou regiões e língua, porém, entende-se que o campo da diversidade em sala de aula vai muito além. O campo da diversidade em sala de aula se refere também às diferenças individuais que estão nos campos comportamental e cognitivo, e o campo da didática e da metodologia diria que ela se manifesta pela forma como a criança aprende.

[...] a diversidade, assim como a desigualdade, são manifestações normais dos seres humanos, dos fatos sociais, das culturais, e das respostas dos indivíduos frente à educação nas salas de aula. A diversidade poderá aparecer mais ou menos acentuada, mas é tão normal quanto a própria vida, e devemos acostumarmo-nos a viver com ela e a trabalhar a partir dela. A heterogeneidade existe nas escolas, dentro delas e também nas salas de aula porque existe na vida social externa. A educação também é causa de diferenças ou de acentuação de algumas delas. (SACRISTÁN, 2002, p. 15).

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professor Titular no Departamento das Ciências das Humanidades da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; Diretor de Graduação na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; claudio.orco@unoesc.edu.br

² Mestre em Educação pela Universidade do Contestado; Professora Titular na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; elizandra.iop@unoesc.edu.br

³ Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Professora Titular no Departamento das Ciências das Humanidades da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; neli.gai@unoesc.edu.br

O campo pedagógico das concepções de educação, ao longo do processo histórico da educação brasileira, sempre esteve orientado por um padrão de homem e de comportamento aprendente em sala de aula. Assim, será tratado sobre o olhar das concepções pedagógicas para o campo da diversidade em sala de aula. Isso se faz necessário pois:

Aceitar que os alunos são diferentes uns dos outros é fácil. Difícil é tratar educativamente essas diferenças e ajudar para que elas enriqueçam o processo de ensino-aprendizagem. Antes de tudo é uma questão de posicionamento filosófico, ético ou ideológico: até que ponto a equipe escolar está de acordo em aceitar que cada um dos alunos tem o direito a que o ensino se adapte o máximo possível a suas possibilidades e limitações? (ARAN, 2002, p. 11).

As concepções pedagógicas são as responsáveis por orientar o trabalho pedagógico definindo a didática a ser adotada, o tipo de avaliação a ser realizado e o relacionamento entre professor e aluno. São elas as responsáveis em reconhecer ou não diferentes formas de aprender no ambiente escolar. As concepções pedagógicas que pautaram a educação até meados do século XX foram concepções liberais humanistas, primeiramente a Tradicional Católica e em seguida a Tradicional Leiga. Ambas com concepções de mundo europeu e de homem europeu.

Para a concepção Tradicional de Educação, a ênfase estava no professor, o aluno era visto enquanto um adulto em miniatura, recebendo do professor o conteúdo. A metodologia eram aulas expositivas, nas quais se pressupunha que os alunos aprendessem da mesma forma, apresentassem o mesmo ritmo de aprendizagem e demonstrassem isso na mesma velocidade. O aluno era tratado como um adulto, usava roupas como a dos adultos, devia ter um comportamento formal. Para isso a disciplina dessa concepção de educação era rígida, por meio da autoridade exacerbada impunha obediência e disciplina aos pequenos, ou seja, tratava todos da mesma forma, não reconhecia as diferenças de indivíduos no processo de aprendizagem. A concepção Tradicional de Educação ficou vigente e hegemônica na educação brasileira até meados dos anos 20 do século passado, quando, então, por meio de um movimento para modernizar a nação brasileira, trouxe-se para o Brasil a concepção Nova de Educação, conhecida por Escola Nova, com o intuito de modernizar o campo pedagógico (ARANHA, 2006). Assim, a partir de meados dos anos 1920, o movimento conhecido por Escolanovismo inova na orientação aos processos pedagógicos, o que contribui com o reconhecimento das diferenças em âmbito escolar. Por essa perspectiva, Candau (2011, p. 243) coloca:

[...] o termo diferença está em geral referido às características físicas, sensoriais, cognitivas e emocionais que particularizam e definem cada indivíduo. Diversidade de ritmos, de estilos cognitivos, de modos de aprender e traços de personalidade são considerados componentes dos processos de aprendizagem e a construção de estratégias pedagógicas que os levem em consideração são preocupações presentes entre educadores e educadoras. O movimento da escola nova investiu com força nesta direção e princípios como o da atividade, individualização e flexibilização de espaços e tempos configuraram diferentes projetos e iniciativas que nele se inspiram. O foco estava no indivíduo e suas especificidades.

No campo das diferenças individuais pode ser vista como pioneira, pois era munida de uma psicologia do desenvolvimento que entendia as diferenças no âmbito das “[...] características físicas, sensoriais, cognitivas e emocionais que particularizam e definem cada indivíduo.” (CANDAU, 2011, p. 243). Portanto, essa Teoria Educacional passa a reconhecer as diferenças individuais, o que implica para o campo do ensino-aprendizagem na utilização de métodos e estratégias pedagógicas diferenciadas para atender a diferentes ritmos e estilos de aprendizagem. Para essa concepção, a criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura e passa a ser tratada de acordo com suas singularidades físicas, cognitivas, intelectuais, sensoriais, motoras e de personalidade.

Nos anos 1970, uma nova teoria educacional passa a dividir terreno com as outras duas, o Tecnicismo. O Brasil passava por um surto de industrialização, precisando de mão de obra especializada para o desenvolvimento do processo produtivo industrial capitalista. Assim, o ensino é entendido como ensino programado com base na psicologia behaviorista e que, por orientação desta, foram desenvolvidas seqüências pedagógicas de ensino-aprendizagem

[...] que respeitavam o ritmo de cada aluno/a e mesmo, na modalidade de ensino programado ramificado, oferecia caminhos diferenciados, de acordo com respostas a cada unidade de aprendizagem proposta, para que cada um/a atingisse o comportamento final proposto. (CANDAU, 2011, p. 243).

Como na teoria anterior, esta também concebe o indivíduo reconhecendo sua individualidade no processo de aprendizagem. Essas concepções modernizaram o campo pedagógico, reconhecendo as diferenças entre os sujeitos, as quais não passaram de diferenças sensório-motoras, cognitivas, de personalidade e biológicas (CANDAU, 2011).

Ainda dentro da década de 1980, percebe-se o surgimento das concepções contra-hegemônicas de educação que foram além das hegemônicas no que se refere à compreensão do indivíduo (SAVIANI, 2000). As concepções contra-hegemônicas mediante uma análise socioeconômica sobre as bases materiais da sociedade reconheceram as diferenças socioeconômicas determinadas pela forma como se encontra organizada a sociedade capitalista. A partir desse novo olhar sobre o sujeito contextualizado, pensa-se em uma nova educação para a promoção da aprendizagem dos ditos diferentes. Essas concepções podem ser vistas pela Pedagogia Libertadora e pela Pedagogia Histórico-crítica.

As concepções pedagógicas críticas partem dos pressupostos das diferenças e da desigualdade socioeconômica existentes em sala de aula, o que faz com que elas desenvolvam metodologias que em um primeiro momento servem para reconhecer as diferenças e em seguida promover o aprendizado de todos de forma diferenciada. Isso ocorre quando o professor, orientado por uma dessas concepções críticas de educação, passa a olhar seu aluno sob o olhar deste, compreendendo-o em sua totalidade, que é um sujeito biopsicossocial, ou seja, tem uma estrutura biológica revestida por uma segunda natureza, a cultura, e em sua essência existe um psiquismo humano (LEONTIEVE, 2004). A criança é um ser biológico que no dia a dia vai se construindo enquanto ser social e leva para a escola toda uma bagagem de memórias, lembranças, situações, verdades e certezas, sendo que tal bagagem deve ser reconhecida como a base para a criança aprender.

2.1 A DIVERSIDADE INDIVIDUAL EM SALA DE AULA

A diversidade individual da criança no processo de aprendizagem é vista no comportamento social da criança, uns agitados, outros tímidos, outros nem tímidos e nem agitados, tidos pela escola como alunos normais. A escola, se não estiver orientada por uma concepção pedagógica que reconhece os agitados e os tímidos como diferentes, poderá comprometer todo o desenvolvimento da criança, pois padronizará todos a partir do padrão de aluno que deseja.

Organizar o processo de ensino-aprendizagem a partir da ideia de igualdade, que é quando não se reconhecem as diversidades individuais e culturais em sala de aula, é fortalecer a desigualdade social, marca latente da sociedade moderna capitalista. O ritmo de aprendizagem não se faz igual para todos, os temas problematizados não são entendidos da mesma maneira por todos e ao mesmo tempo. Assim, faz-se um alerta às escolas para que estas partam do princípio de que todos são diferentes, de que existe heterogeneidade na escola.

No que se refere às diversidades na sala de aula, Ambrozetti (1989) coloca que lidar com a diversidade de situações em classes muito numerosas leva a trabalhar com um aluno “padrão”, uma generalização que permite ao professor economizar esforço, evitando a dispersão e atenção dos alunos, porém, isso leva o professor a ignorar as necessidades e os interesses dos próprios alunos, fazendo-o classificar em aproveitamentos “baixo”, “médio” e “alto” o rendimento deles.

Muitas vezes, como a autora refere no trecho anterior, pela falta de tempo e sensibilização, o professor acaba sendo impedido de trabalhar com a heterogeneidade, o que pode levar a um grave problema, trabalhar apenas com os que rendem mais, deixando de lado os de rendimento mais lento. Coloca-se diante disso a emergência por uma reorganização da sala de aula, em ver um número adequado de alunos por turma, para que todos possam ter garantidos o direito e o seu livre exercício de aprender em sua diversidade.

A diversidade é um tema que vem sendo discutido pelas escolas desde o século XX, porém, é no atual momento em que ela passa a ser fortemente sentida pelo professor que este precisa saber lidar com a heterogeneidade, a fim de que diminua as desigualdades e proporcione um ambiente de aprendizagem significativa.

Desse modo, como a autora destaca, muitas vezes o professor trata os educandos de forma homogênea, sem se preocupar em conhecê-los e em utilizar atividades diversificadas as quais proporcionem um espaço pedagógico que estimule o agente do aprender e que nesse espaço seja despertado o interesse pelo conhecer. Assim, a motivação é um aspecto importantíssimo para que haja aprendizagem prazerosa para ambas as partes desse processo. Outro aspecto importante são os diferentes ritmos de aprendizagem.

A aprendizagem deve acontecer partindo da base cultural que a criança leva à escola, para então o professor organizar sua metodologia de ensino em que reconheça os diferentes ritmos de aprendizagem existentes na sala de aula. Conforme Vygotsky (1989), não se deve estudar o produto, mas, sim, seu processo. É por isso que é preciso entender o desenvolvimento cultural da criança e o modo pelo qual ela adquire o conhecimento, pois a aprendizagem é uma sucessão linear de experiências e descobertas vivenciadas. “A aprendizagem é um processo e não um acúmulo

de informações fatuais, o professor enfrenta o grande desafio de organizar atividades de ensino capazes de desencadear, reforçar, acompanhar esse processo, colaborando nele.” (ANDRÉ, 1999, p. 30).

Na concepção de Vygotsky (1989) o desenvolvimento e a aprendizagem estão interligados, pois acontecem desde o nascimento da criança, isso porque a aprendizagem resulta no desenvolvimento e este não ocorre sem a aprendizagem. Vygotsky (1989, p. 146) salienta ainda que a “[...] aprendizagem depende do desenvolvimento e também do colega com quem a criança está interagindo, porque a aprendizagem depende do potencial do sujeito e a partir da interação com os outros.”

O papel pedagógico do professor é saber lidar com os conceitos cotidianos (aqueles que a criança já conhece) e com os conceitos científicos (referem-se aos conhecimentos sistematizados). Ao trabalhar em sala de aula é necessário lidar com as atividades de aprendizagem, as quais devem estar de acordo com os diferentes ritmos de aprendizagem das crianças.

3 COMO ENSINAR? COMPREENDENDO OS DIFERENTES RITMOS DE APRENDIZAGEM

A aprendizagem pela perspectiva das diferenças individuais, como já visto, não ocorre de forma padronizada e homogeneizada, mas de forma individualizada. André (1999) coloca que as atividades de aprendizagem são como um processo de abstração, em uma visão facilmente compreensível a partir do entendimento do processo de apropriação dos conhecimentos científicos. As metodologias a serem utilizadas devem partir da premissa de que não há uma padrão de aluno, de comportamento e de maneira de aprender.

Outros procedimentos a serem utilizados são atividades independentes que ofereçam às crianças desafios cognitivos apropriados de acordo com suas capacidades e condições cognitivas para aquele momento. É importante trabalhar atividades que permitam ao aluno refletir sobre o que fez, assim ocorrerá aprendizagem significativa.

Outro procedimento a ser utilizado são atividades que expressem, por meio de diferentes linguagens, o que foi explorado, ou mesmo observado e experimentado. São as atividades de acompanhamento, ao final, pode-se fazer uma avaliação desse processo. A organização de uma metodologia de ensino, direcionada ao desenvolvimento de atividades específicas para cada aproveitamento de aprendizagem, possibilita que o desenvolvimento cognitivo aconteça mais rapidamente.

Portanto, é preciso que se reduza o círculo daqueles que não valorizam as diferenças e se amplie o círculo aqueles que valorizam as habilidades e competências individuais. O intuito de diferenciar e destacar os ritmos de aprendizagem não é separar as crianças em hierarquias, mas reconhecer e promover as diferenças entre os grupos para assegurar a igualdade nos diferentes ritmos de aquisição, pela diversificação dos procedimentos metodológicos empregados no processo pedagógico.

Vale salientar que se tem nas mãos um grande desafio, o de reconhecer as diferenças individuais no ambiente educacional (sala de aula) e possibilitar aos alunos aprendizagem significativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da ideia de que a sociedade deseja alto rendimento em curto período de tempo e que descarta os que não se enquadram em seus padrões e estereótipos, sendo a escola uma extensão da sociedade e esta tem como herança de períodos conservadores a padronização do aluno e do processo pedagógico representado com um único modelo educacional a todos os sujeitos da aprendizagem, no entanto, o Estado brasileiro estabelece o direito à educação a todos os cidadãos. Portanto, fazem-se necessários em âmbito escolar o reconhecimento e a promoção com respeito às diversidades individuais, caso contrário, a escola será o instrumento de exclusão social. Não somos todos iguais, como diz Sacristán (2002, p. 14), “A diferença não é somente uma manifestação do *ser* único que cada um é, em muitos casos, é a manifestação de *poder* ou de chegar a *ser*, de *ter* possibilidades de ser e de participar de bens sociais, econômicos e culturais.” A sala de aula, como ambiente que desenvolve as capacidades cognitivas do indivíduo, contribuindo com a promoção da formação do ser social em construção e inserida no contexto sociopolítico da escola, que é o espaço da formação cidadã, tem o dever de reconhecer as diferenças individuais para que o sujeito em formação possa exercer a cidadania, participando ativamente em espaços sociais, econômicos, políticos e culturais. O reconhecimento e a promoção das diferenças individuais em sala de aula possibilitam ao sujeito em formação a possibilidade do

desenvolvimento pleno de suas potencialidades cognitivas e sociais, caso contrário, esse sujeito em formação estará fadado à exclusão social, a qual iniciará no ambiente educativo.

Individual differences in the classroom learning process

Abstract

Individual diversity in the classroom is represented by students who have a different role in school as the ideal one for learning, which causes many students to be contemplated with an apprenticeship through their different condition. Through this problematization, this work was organized with the objective of analyzing how individual diversity has been discussed in the theoretical scope by intellectuals from the field of education, psychology and social sciences. Therefore, in this work, the methodology was a bibliographical research in studies of authors who investigate an individual diversity without educational context. In this work the category of analysis was the individual diversity in the learning process in the classroom. Concluding, with the means of analysis, that this theme is important to effect the right to education of teachers by the school and by teachers as different learning processes.

Keywords: Individual differences. Pedagogical process. Classroom.

REFERÊNCIAS

- AMBROZETTI, N. B. **Ciclo Básico**: o professo da escola pública paulista frente a uma proposta de mudança. 1989. Dissertação (Mestrado em Educação)–Pontifícia Universidade Católica de São Paul, São Paulo, 1989.
- ANDRÉ, M. (Org.). **A pedagogia das diferenças em sala de aula**. 7. ed. São Paulo: Papyrus, 1999.
- ARAN, A. P. Introdução. In: SACRISTÁN, J. G.; ALCUDIA, R.; DEL CARMEN, M. et al. **Atenção à diversidade**. Artmed: Porto Alegre, 2002.
- ARANHA, M. L. de A. **História da educação e da pedagogia**: geral e Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, Jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2015.
- LEONTIEVE, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- SACRISTÁN, J. G. A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas. In: SACRISTÁN, J. G.; ALCUDIA, R.; DEL CARMEN, M. et al. **Atenção à diversidade**. Artmed: Porto Alegre, 2002.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 33. ed. São Paulo: Autores Associados, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

